

16ª edição

Moacyr Scliar

Uma história só pra mim

ENTRE
LINHAS
COTIDIANO

Ilustrações: Mozart Couto

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Consultoria editorial • Vivina de Assis Viana

Revisão • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Elza Maria Gasparotto/
Célia Regina do N. Camargo

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Diagramação • Setup Bureau Editoração Eletrônica

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

Projeto gráfico de miolo e capa • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Isabel Cristina M. Cabral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Scliar, Moacyr

Uma história só pra mim / Moacyr Scliar ;
ilustrações Mozart Couto. – 16. ed. – São Paulo :
Atual, 2009. – (Entre Linhas : Cotidiano)

Inclui roteiro de leitura

ISBN 978-85-357-0338-2

1. Literatura infantojuvenil 2. Livros de leitura
I. Couto, Mozart. II. Título. III. Série.

CDD-372.412

Índice para catálogo sistemático:

Livros de leitura : Ensino fundamental 372.412

16ª tiragem, 2017

Copyright © (1994) by herdeiros de Moacyr Scliar.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810413

CAE: 602647

Para Vivina de Assis Viana, pela ideia.
Para Roberto Scliar, pelo título.

Sumário

Um garoto misterioso 7

A história se complica 14

Achamos uma pista 21

Missão (quase) impossível 34

Trazendo um pai de volta 45

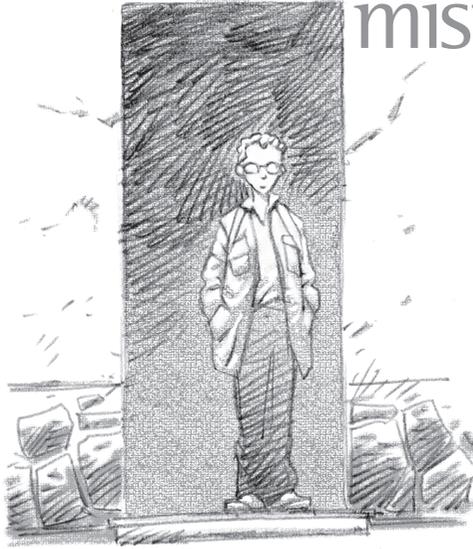
“Um livro só pra mim” 52

O grande livro do mundo 59

O autor 61

Entrevista 63

Um garoto misterioso



Desde a infância morei numa casa de bairro, uma casa grande com um pátio cheio de árvores onde eu brincava. Era um lugar agradável, e por mim ali ficaríamos para sempre, mas então começaram os assaltos em nossa rua e meu pai achou que devíamos nos mudar, e fomos para um edifício. Enorme: cento e vinte apartamentos. Os moradores eram pessoas de classe média, funcionários, representantes comerciais, pequenos empresários, gente boa. Havia, claro, uns tipos esquisitos, como um homem que usava uma enorme peruca avermelhada e um outro que falava com Deus (só aos domingos). Mas a garotada era ótima; de imediato fiz muitos amigos. Nós nos reuníamos no *playground* (meio deteriorado) ou no salão de festas (*idem*), ficávamos ouvindo música, conversando... e namorando: garotas bonitas ali não faltavam.

Meu pai não gostava muito do que chamava vadiagem. Nisso ele se mostrava perfeitamente identificado com meu avô, um pequeno fazendeiro do interior, homem severo, de ideias moralistas das quais minha mãe fazia troça – professora de ciências, ela sempre foi muito mais avançada do que meu pai. Da mesma forma que minha irmã

mais velha, que hoje é uma jornalista muito conhecida. Nas brigas com meu pai (raras, pois vivíamos muito bem em família), elas sempre me davam força. Mesmo porque eu não me saía mal nos estudos, ao contrário, era um aluno razoável. De modo que podia continuar convivendo com a turma.

Grande turma aquela, e muito unida. Isso não quer dizer que fôssemos um grupo fechado; aceitávamos com prazer caras novas. Mas com o João foi diferente. Em primeiro lugar, era um tipo estranho: magro, espinhento, óculos enormes, roupas esquisitas, feias. Depois, parecia despertar uma irritação gratuita nas pessoas. Fernanda, por exemplo, implicou com o nome:

– Que coisa fora de moda – comentou. De fato, não tínhamos nenhum João na turma; Rodrigos (eu era um deles), Marcelos, Rafaéis, havia muitos, mas João, nenhum. Só descobrimos o nome dele depois de umas semanas, e isso porque o Marcelo Gordo (havia ainda o Marcelo Magro e o Marcelo Tatuagem) resolveu lhe perguntar, num dia em que o encontramos na porta do prédio. Até então não falara com ninguém, nem sequer cumprimentava as pessoas. Nessa ocasião não foi diferente: queríamos saber mais dele, fizemos perguntas, e ele respondia com monossílabos ou não respondia. Por fim murmurou um “até logo” e foi-se embora, deixando-nos perplexos.

– Rapazinho nojento – disse a Fernanda com desprezo, mas eu não estava muito de acordo. Para mim, não era por se achar superior que João não respondia às perguntas. Ao contrário, minha impressão era que se tratava de um cara angustiado, com muitos problemas. Andava sempre sozinho. Sozinho ia para o colégio, sozinho voltava; entrava no prédio sem falar com ninguém, ia direto para o apartamento em que morava com a mãe.

A mãe... a mãe também era uma mulher estranha. Muito sofrida, notava-se. Podia ter sido bonita, mas agora tinha uma expressão amargurada, ansiosa. Embora fosse um pouco mais expansiva que o filho – pelo menos dirigia algumas palavras aos vizinhos –, também não era de muito papo. Saía cedo para o trabalho – era caixa de uma grande loja no centro –, voltava tarde, ia direto para o apartamento. Não saíam nunca: nos fins de semana ficavam em casa, ela ouvindo música (boleros, essas coisas antigas) e ele lendo, como constatávamos espiando pela janela.